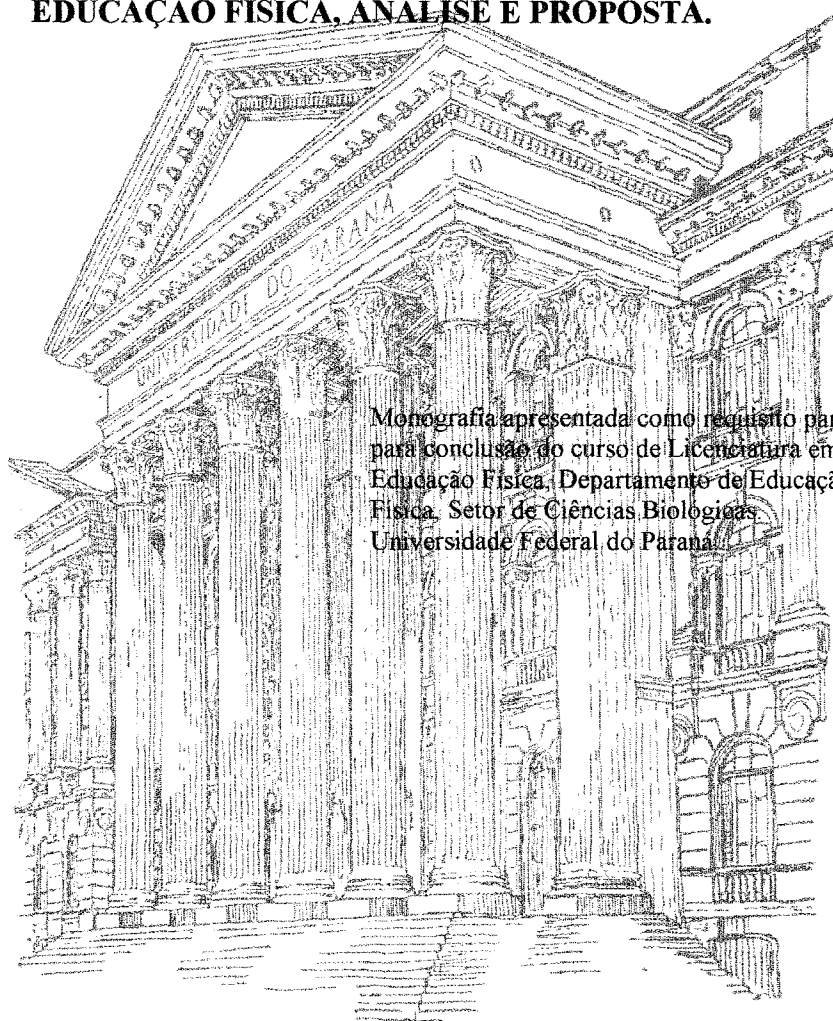


PETERSON LESSNAU VIANA

**O ESPORTE ENQUANTO CONTEÚDO HISTÓRICO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA, ANÁLISE E PROPOSTA.**



Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Licenciatura em
Educação Física, Departamento de Educação
Física, Setor de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA
1.999**

PETERSON LESSNAU VIANA

**O ESPORTE ENQUANTO CONTEÚDO HISTÓRICO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA, ANÁLISE E PROPOSTA.**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso Licenciatura em
Educação Física, Departamento de Educação
Física, Setor de Ciências Biológicas.
Universidade Federal do Paraná.
Orientadora Ms. Palmira Sevegnani de Freitas.

CURITIBA
1999

AGRADECIMENTO.

Agradeço aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, e em especial a minha orientadora que soube conduzir-me na realização deste trabalho de pesquisa, desde já, gostaria de renovar-lhe o pedido para novas pesquisas em nosso campo de estudo, a Educação Física.

Dedico, esta pesquisa a minha esposa,
que soube entender minha ausência durante
os quatro anos do curso de graduação, e que
nos momentos difíceis sempre teve uma palavra
amiga e reconfortante.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
1.0 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	01
1.2 JUSTIFICATIVA.....	02
2.0 REVISÃO DE LITERATURA.....	04
2.1 A EVOLUÇÃO DO FENÔMENO ESPORTE.....	04
2.2 A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA.....	14
3.0 METODOLOGIA DE PESQUISA	23
4.0 PROPOSTA PARA O ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA.....	24
4.1 DO JOGO AO ESPORTE.....	24
4.2 ESPORTE DE LAZER.....	27
5.0 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
ANEXOS.....	34

RESUMO

Este trabalho, trás uma análise do esporte moderno, a partir da revolução industrial inglesa, sua evolução na Europa, enquanto meio de ocupação do tempo livre, e posteriormente adotado como profissão pelos atletas trabalhadores do esporte.

Recuperadas as origens do esporte, enquanto fenômeno social como nós o conhecemos hoje, nossa análise volta-se para as características do desenvolvimento do esporte no Brasil, e principalmente na inserção deste nos currículos escolares, como um dos conteúdos da educação física, muitas vezes o único conteúdo da educação física.

Dentro da educação física muito se escreve sobre esporte, fato que comprova ser este um dos conteúdos específicos da educação física na escola e para além dela.

Esta esportivização da educação física, momento onde o esporte é entendido como sinônimo de educação física, reflete-nos a duas novas conseqüências, a da formação técnica de nossos alunos através dos gestos esportivos baseados nos do esporte de alto rendimento, e àquelas conseqüências de apelo social, que uma metodologia para o esporte que preconize o rendimento têm sobre a escola.

Tendo por base nossa análise do esporte enquanto fenômeno histórico, e conteúdo da educação física, e nossas referências bibliográficas, onde podemos citar os estudos desenvolvidos pelos professores Valter Bracht e Elenor Kunz que têm como foco central o desenvolvimento social do esporte e sua aplicação na educação física na escola, traçamos uma proposta para o desenvolvimento do esporte na escola, através de uma nova visão, fornecer ao aluno, além do conhecimento motor dos movimentos envolvidos na prática esportiva, também dar-lhe condições para que possa construir uma cultura esportiva, capacitando-o a utilização do esporte como opção de lazer consciente e crítica.

1. INTRODUÇÃO

1.1 - APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.

Desde a revolução industrial européia, e do surgimento de uma nova classe social, o proletariado, que se caracteriza pelos trabalhadores que vendem sua mão de obra, uma nova estrutura social tem se desenvolvido, e dentro desta estrutura vamos evidenciar dois fenômenos que tiveram praticamente a mesma gênese, desenvolvendo-se de maneiras distintas porém com grandes influências entre si. Estas duas estruturas da nossa cultura contemporânea tratam-se do Esporte, e da Educação Física.

Esporte e Educação Física, surgiram a partir de um novo tempo do cotidiano contemporâneo destinado ao lazer. Partindo de jogos populares, que normalmente eram disputados nas comemorações religiosas, ou nas festas de colheitas, foram-se criando regras, unificando-se as participações, organizando-se as competições fora destes períodos de festas, criando-se uma atividade que tinha como principal objetivo distrair e propiciar bem estar aos participantes, e aos espectadores, estava criado o esporte de alto nível, ou esporte espetáculo. “O esporte é de certa forma uma racionalização do romântico, um misto de raízes e míticos, e regulação moderna”(GUTMAM, 1979, apud. BRACHT, 1997, p.09).

Juntamente com este desenvolvimento e aprimoramento social do esporte, a educação física também tornou-se algo altamente interessante a burguesia da época, vários processos ginásticos foram desenvolvidos com o principal intuito de preparar o físico dos futuros trabalhadores para a carga de serviço, sendo o melhor local para isso as escolas e academias, e posteriormente para a preparação dos esportistas a solicitação esportiva. Por serem várias as atividades esportivas que tiveram suas primeiras aplicações dentro dos muros escolares, fruto do inventivo dos professores, como também, na maioria dos casos, fruto de políticas governamentais para a educação e esportes. Segundo Bracht, “vai ser nas escolas públicas que aqueles jogos (o clássico é o futebol) vão ser regulamentados e aos poucos assumir características formais do esporte moderno”. (BRACHT, 1997, p.10)

Os mais conhecidos exemplos são as escolas ginásticas alemã, sueca, e francesa, que aqui no Brasil muita influência tiveram sobre as academias militares inicialmente, e depois levadas as escolas públicas, principalmente pela formação militar dos professores de educação física do início do século no Brasil. Na Inglaterra, um dos maiores campos de proliferação de práticas esportivas foram as “High School”, onde o rugby, e posteriormente

o futebol consolidavam-se como as grandes atividades esportivas da juventude, também não podemos deixar de citar a ação no continente americano da ACM (Associação Cristã de Moços), berço também de vários esportes contemporâneos, como o Futsal, que na região sul do Brasil, e em países como o Uruguai e Argentina alcançou o status de esporte grande, com aspirações olímpicas.

Buscamos mostrar que tanto o esporte como a educação física, como nós os conhecemos hoje têm praticamente a mesma origem, e os mesmos fins. É claro que atualmente o esporte tornou-se um fenômeno social de proporções imensas, não cabendo mais na educação física, e traçando sua própria vida. Porém dentro da educação física muito se escreve sobre esporte, pois este continua sendo ainda um dos conteúdos específicos da área da educação física na escola e para além dela. Nosso trabalho pretende exatamente analisar qual a função do conteúdo esporte na educação física escolar, através de algumas questões principais: Como vêm sendo desenvolvido o esporte na educação física escolar? O professor de educação física deve trabalhar com esporte em sua aulas? Qual a dimensão que o professor deverá dar ao esporte nas aulas de educação física? O esporte, como conteúdo escolar, pode ser um meio para que o professor alcance objetivos na formação completa de seus alunos? Por fim, pretendemos ajudar os professores de educação física, problematizando e tematizando em relação ao conteúdo esporte nas aulas de educação física escolar.

1.2 -JUSTIFICATIVA.

Desde a obrigação da educação física nos currículos escolares, esta tem sido utilizada para vários objetivos, alguns ditos higienistas, outros educativos, políticos, hegemônicos e vários outros. Todos se diziam capazes de suprir totalmente as necessidades daquela população de crianças em idade escolar.

Um ponto em comum em todos estas escolas, ou teorias de educação física é a apropriação do esporte como um de seus conteúdos, apropriação esta que em certas épocas tornaram-se tão fortes que esporte era sinônimo de educação física. Como bons alunos do antigo curso ginásial, viemos a ter contato com a educação física na 5ª série, isto em meados da década de oitenta, e as aulas de educação física eram compostas bimestralmente, por atletismo, basquete, handebol e vôlei, exatamente nesta ordem, pois seguiam uma linha

desenvolvimentista de pensamento, tendo como principal, ou melhor, único conteúdo o esporte, entendido também pela performance e busca de rendimento.

Talvez por essa presença tão grande nas aulas de educação física, o esporte gerou certos estereótipos sobre sua aplicação nas aulas com crianças, acusado de altamente competitivo, gerador de violência, privilegiando aqueles que detinham maior aptidão física, o esporte foi marginalizado e condenado a práticas perversas, sem valor educacional, e sinônimo de um professor mal preparado, mal pago e mal intencionado.

Consideramos necessário um resgate, do esporte à nossa prática na escola, através de uma reflexão sobre seus problemas, sociais e educacionais, de forma não mais a reproduzir uma sociedade seletiva e excludente, e sim de atuar na formação, instrução do aluno, através da consciência do direito ao esporte como forma de lazer, bem estar e promovendo também a compreensão de benefícios para a qualidade de vida.

Este trabalho então justifica-se por apresentar uma análise do conteúdo esporte na educação física na escola, e para depois desta análise, fundamentada em cientistas esportivos, e pedagogos da educação física, entender melhor este fenômeno social contemporâneo; o esporte; e tentar aplicá-lo educacionalmente.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 - A EVOLUÇÃO DO FENÔMENO ESPORTE

Quando falamos em evolução do esporte, normalmente nosso pensamento remete-se aos esportes gregos e aos jogos olímpicos da antigüidade. Pretendemos porém relatar aqui a evolução do fenômeno esportivo a partir da revolução industrial, que transformou toda a sociedade da época, e também o esporte.

Entendemos que na Grécia antiga, bem como em outros povos, como os egípcios, hebreus, romanos, maias e incas americanos, o esporte estava intimamente relacionado com uma outra atividade festiva, muitas vezes relacionadas com a religião destes povos. Bracht, justifica tal posição em relação ao esporte antigo quando discorre sobre o jogo de pelotas dos Mayas, com semelhanças aos jogos modernos de vôlei e basquete, “aquela atividade estava intimamente relacionada com a instituição religiosa, fazendo parte de um ritual que culminava com um sacrifício humano”(BRACHT, 1997, p.93), em que normalmente um dos participantes do jogo, tinha seu coração retirado do corpo, ainda pulsante devido ao excessivo esforço físico.

Portanto entendemos que o esporte praticado por estes povos possuía outro significado, diferenciado do entendimento massificado nas sociedades pós revoluções industriais. Este esporte antigo tinha toda uma conotação sócio-cultural, que com o advento do esporte institucionalizado, com regras globalizadas, tomou mais as características de representações folclóricas do que esportivas.

Os esportes modernos, ganharam regras universais, reconhecidas e aplicadas em todo o mundo. Diferentes dos esportes antigos, cujas regras tinham significado na cultura religiosa ou militar de determinado povo. Os esportes passaram a ser subordinados a instituições que definiam e definem quais as regras que o regeram em todo o globo terrestre. Podemos dizer, que as regras esportivas foram talvez as primeiras leis globalizadas do nosso planeta. “A padronização imposta através das regras das diferentes modalidades representa uma linguagem universal, que proporciona o seu entendimento (e seu consumo) no mercado globalizado”(PIRES, 1997. P. 35).

Com a invenção das regras, consideradas leis universais para todo o praticante de esportes, a prática esportiva toma um novo significado nas sociedades, as regras permitem ao esporte um fim em si mesmo, na vitória, portanto podem ser praticados fora das

comemorações religiosas ou militares. “o ensino dos esportes nas escolas enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, e dá a estas um caráter estático e inquestionável, o que não leva a reflexão e ao questionamento, mas sim ao acomodamento”(WEIGELT apud PIRES, 1998, p.29). Em nosso entender, a fixação de regras universais serviu para além de possibilitar uma prática igual de esporte em todo o mundo, a dissociação do esporte de sua antiga justificativa, para encontrar uma nova razão de existência. Segundo Bracht: “O esporte moderno desenvolve-se a partir do século XVIII em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa - esta por sua vez, desenvolve-se enquanto forma específica do que mais genericamente denomina-se sociedade moderna”(BRACHT, 1997, p.95)

Nesta breve análise de Bracht sobre o esporte moderno, podemos identificar a força da Inglaterra sobre a nova sociedade moderna. Os esportes ingleses foram sem dúvida os mais difundidos pelo mundo, “o esporte organizou-se num primeiro momento na Inglaterra no âmbito da sociedade civil, sem maiores intervenções do estado”(BRACHT, 1997, p.68), portanto podemos considerar a Europa como sendo o berço do nosso esporte moderno.

“O esporte moderno inglês integrou técnicas passadas, dando ao mundo, e primeiramente às possessões inglesas, a maior parte das práticas modernas: atletismo, futebol, rugby, tênis, boxe, natação, patinação desportiva, bem como exercícios ligados ao adestramento militar de forma adequada (equitação, esgrima, arco e flecha)” (SALLES, 1994, p.427).

2.1.1.- O ESPORTE EUROPEU

As escolas públicas inglesas foram as grandes progenitoras do fenômeno esporte moderno, escolas estas que eram as grandes instituições educadoras dos filhos dos “gentlemen” ingleses, os grandes senhores, proprietários das novas tecnologias de produção advindos da revolução industrial. Portanto o esporte nasceu na alta sociedade inglesa, e foi utilizado por esta sociedade como mais um elemento de diferenciação social, e de modo de vida. Segundo PIRES, “desde a sua origem, entre as classes privilegiadas da burguesia inglesa, o esporte sempre objetivou desenvolver aspectos, normativos de conduta nos jovens estudantes das public-schools”(PIRES, 1998, p.28). O mais clássico exemplo de esporte inglês característico da sociedade monárquica com certeza é o tênis. Por diversos fatores, fica claro que a prática do tênis é totalmente vetada a um trabalhar proletário. O

sistema de pontuação do tênis, onde são disputados vários games, até que se consiga a vitória de um set, e somente após se vencer dois ou três sets é que o tenista pode ser considerado vencedor do jogo, com certeza torna a partida do tênis extremamente longa, tempo que um trabalhador assalariado não dispõe para dispensar ao tênis. Temos ainda outros diversos fatores que praticamente impossibilitam esta praticada proletária de um esporte de senhores. No que se refere ao tênis, nos dias de hoje várias modificações foram realizadas para tornar o jogo mais atraente ao grande público, o grande consumidor esportivo, porém algumas características de esporte monárquico ainda predominam, na final feminina de Wimbledon de 1999, o placar da quadra central apontava as duas jogadoras como sendo Miss. Craft vs. Miss. Daveport, o que fica claro que ainda o tênis não perdeu totalmente o seu status de esporte para ricos.

“Para as classes altas, a prática esportiva está indissolavelmente ligada com as maneiras do comportamento fino, que repercute na indumentária esportiva bem cuidada, numa atitude de reserva frente à utilização física do corpo, para que também, mesmo num esforço corporal intenso, não exponha nua e cruelmente sua sensibilidade; está ligada também com as formas de técnicas esportivas, com finesse, com habilidade e a inteligência corporal”(BRACHT, 1997, p.54).

Outro grande distinção entre as classes sociais européias definida pelas atividades esportivas era a condição entre amador e profissional. O amador era o indivíduo que realiza o esporte por prazer, como forma de lazer, utilizando o esporte em suas horas vagas, portanto, novamente entendemos que amador era aquele senhor que dispunha de um tempo livre maior, podendo dispensá-lo a uma prática esportiva, portanto estavam fora desta condição aqueles que passavam a ter o esporte como trabalho, estes novos trabalhadores eram dados como atletas, os quais realizam o esporte por obrigação, e não como diversão.

Os jogos olímpicos da era moderna, reeditados pelo Sr. Barão de Coberta, membro da burguesia européia, tratava-se na época de sua primeira realização em Atenas de uma competição para atletas amadores. Tal determinação permaneceu por várias outras edições dos jogos. Assim, o ideal olímpico idealizado pelo Sr. Barão, não era tão olímpico assim, pois praticamente determinava que os participantes dos jogos deveriam ser membros das altas sociedades dos países, pois tratavam-se dos praticantes amadores do esporte, enquanto que aos atletas profissionais, e à grande população proletária, cabia a condição de espectador, que com o passar dos anos alcançou a condição de torcedor, onde passa a ser merecedor do respeito dos atletas, podendo ser co-responsável na determinação de vencedor e vencido.

A exigência do amadorismo dos atletas participantes dos jogos olímpicos já foi superada devido à intensas pressões das grandes empresas, patrocinadoras de atletas e dos próprios jogos, sobre o COI (Comitê Olímpico Internacional), órgão constituído por empresas ricas que rege sobre os jogos, e também sobre a venda do espetáculo Jogos Olímpicos. “Nos campeonatos internacionais, os atletas são atores do só de entretenimento” (MÜLLER, 1997, p.23).

Com os atletas assumindo a posição de atores, como afirma Mulher, cria-se a necessidade de existência de um atleta profissional, que dedique todo o seu tempo disponível para o esporte. “A profissionalização dos esportes exige do atleta o máximo de empenho e isto só é possível se o esporte for exercido como profissão. Está na lógica do sistema esportivo a utilização de produtos permitidos e não permitidos (dopping), justificado para melhorar a atuação dos atletas”(MÜLLER, 1997, p.23).

A partir da profissionalização dos atletas, e da venda do espetáculo esportivo para os espectadores, entendidos também como consumidores esportivos, o esporte encontra como grande parceiro mercantil outro fenômeno que também obteve enorme expansão a partir da revolução industrial, a indústria da comunicação. Com as grandes descobertas e evoluções científicas, os meios de comunicação, ou de informação, passaram a ocupar uma grande fatia do tempo livre, de lazer, ou falta de ocupação, de grande parte da sociedade contemporânea. Sendo assim esporte e comunicação, especificamente, o rádio nos primeiros tempos, e hoje a televisão, criaram uma parceria sólida e altamente lucrativa para seus respectivos proprietários.

Hoje esta parceria é entendida por nós na relação entre a mídia televisiva e o esporte de alto nível, sendo a mídia capaz de influenciar esportes, para que estes melhor se adaptem a televisão, e capaz também de vender produtos os mais absurdos possíveis aos consumidores esportivos.

“Ao transformar-se em elemento da Industria Cultural, o esporte adquiriu o status de cultura mundializada, que significa tornar-se uma mercadoria simbólica disponibilizada no mercado global através dos meios de comunicação. . . a sua transformação em mercadoria consolida-se numa cultura esportiva, tornando-se determinante de conjunto de atitudes e comportamentos relativos ao esporte que, apropriado pelos meios de comunicação de massa, também exerce influências em outras esferas sociais” (PIRES, 1997, p.37).

A transformação do esporte em mercadoria vendável, atraiu não só os meios de comunicação na criação de parcerias, mas também grandes empresas, que podem não têm

nada com o fenômeno cultural e social do esporte, mas que apreciam, pagando alguns milhões de dólares, ver sua marca, seu logotipo, seu produto, ao lado de grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos, ou também ao lado dos grandes heróis esportivos, como Michael Jordan, Ronaldinho, ou Pelé, “sua veneração estimula o consumo de materiais esportivos e artigos vinculados a sua imagem como leite, cerveja; bancos etc.” (BITENCOURT, 1997, p. 92).

Segundo Müller (1997, p.22), “cria-se um vínculo de fidelidade entre as empresas que fomentam o esporte e o esporte com estas empresas”, para manter este vínculo, o atleta deve continuar a vencer, ou a vender, e o espetáculo esportivo deverá tornar-se cada vez mais competitivo, “o esporte como uma mercadoria simbólica, cuja imagem (movimentos corporais humanos, emoções, valores sociais e ideológicos) precisa vender, ainda a necessidade de consumo dos produtos disponibilizados”(PIRES, 1998, p.31) devendo também cada vez atrair mais espectadores (consumidores), a louvar os heróis esportistas, e as marcas por ele defendidas, incluindo entre estas marcas a sua própria pátria.

Desta transformação do esporte em mercadoria, capaz de ser vendida e consumida, segundo PIRES, “resulta uma tendência de homogeneização da cultura esportiva, que se torna hegemônica e, por isso, determinante das demais dimensões do esporte, seja nas atividades de tempo livre, seja na aplicação educacional do esporte”(PIRES, 1998, p.32).

Entendemos, que o esporte institucionalizado de alto nível, principalmente nas competições internacionais, assumem também o papel de campo de batalha entre as nações mundiais, onde cada país manda seus melhores atletas (soldados), com o objetivo de defender e honrar sua pátria, o solo onde ele nasceu, voltando após a competição (batalha), para a sua pátria onde será recebido como campeão (herói).

Através do esporte, os estados vendem uma ideologia política, talvez o exemplo mais clássico desta utilização do esporte como veículo de propaganda ideológica seja a utilização de Hitler dos jogos mundiais de 1936 em Berlim, para provar a supremacia de uma raça ariana sobre as demais nações mundiais. Também após a segunda guerra mundial, nos anos da guerra fria entre os países capitalistas ocidentais, onde o melhor representante sem sombra de dúvidas é os Estados Unidos, e as nações orientais comunistas, tendo como representante mor a União Soviética, cada confronto esportivo assumia a conotação de uma batalha.

Do mútuo entendimento de que um confronto bélico direto entre estas potências mundiais resultaria na destruição da espécie humana, por conta dos respectivos potenciais atômicos, foi no terreno esportivo que ambos se enfrentaram e construíram suas vitórias. Uma medalha olímpica significava a confirmação da supremacia deste ou daquele regime. Investimentos científicos foram feitos, buscando obter super-atletas capazes de levar para o pódio o sucesso desta ou daquela forma de produção. (PIRES, 1998, p. 29)

Este fenômeno não acontece somente no âmbito mundial mas também dentro de cada país, entre seus estados, dentro de cada estado, entre as cidades ou clubes, e também dentro de cada escola, entre as salas, turmas ou classes.

É comum, as escolas privadas utilizarem suas equipes esportivas como principal veículo de propaganda, os professores de Educação Física tornam-se treinadores, devendo escolher para formar as equipes aqueles alunos que ditos especiais, que se destacam dos demais nas atividades da aula, e enquanto estes alunos são absorvidos pelas equipes esportivas das escolas, onde passam a conviver com um dia a dia de super atleta, os demais alunos, ficam no esquecimento e na falta de objetividade das aulas normais de educação física. Outras escolas, para realmente garantir uma marcante presença nas competições esportivas, e na própria competição comercial entre as demais escolas pelos novos alunos, realizam convênios com clubes ou outras instituições esportivas, com o claro objetivo de manter equipes “competitivas”.

No culto ao atleta herói, não podemos apenas responsabilizar a ação das empresas patrocinadoras deste atleta, mas também a ação do estado sobre o esporte, e sobre as instituições que regem o esporte. No Brasil o melhor exemplo desta manipulação do estado sobre o esporte com certeza é o futebol, esporte capaz de sufocar outros, e de ser reconhecido como mania nacional, sendo a seleção canarinho, talvez o maior e mais conhecido embaixador brasileiro em todo o mundo.

Para Bracht: “O que a manipulação do futebol enquanto símbolo nacional - enquanto mito verde-amarelo pode significar em termos de dominação, disto tivemos uma amostra exemplar durante a Copa do Mundo de 1970, durante a ditadura Médice”(BRACHT, 1997, p.65).

Para aqueles, que como nós não estão em condições de lembrar da ditadura militar do general Médice no final da década de sessenta e início dos anos setenta, PIREs esclarece, “vale lembrar a utilização do nosso tri-campeonato de futebol na México em 70, para desviar a tenção das atrocidades da ditadura militar e forjar coesão nacional, na famosa corrente do . . . PRÁ FRENTE BRASIL, SALVE A SELEÇÃO!”(PIRES, 1998, p.30).

2.1.2.- O ESPORTE VERDE-AMARELO

Para entendermos a manipulação do esporte de rendimento, pelo estado, pelos patrocinadores e pela mídia, não precisamos nos remetermos somente ao passado, pois exatamente em nosso tempo estamos tendo um exemplo claro do uso dos esportes por todas estas instituições, através de um mega evento esportivo, os Jogos Pan-americanos de Winnipeg, no Canadá.

Durante os jogos, a cobertura das emissoras de TV, abertas ou por assinaturas, possibilitou que todo o cidadão brasileiro pudesse orgulhar-se a cada medalha conquistada “por nossos meninos”, a inclusão na programação era imediata, com direito a pódio, hino, que nossos atletas insistiam em continuar cantando após a interrupção, e é claro a medalha brilhando no peito, ainda mais se fosse de ouro. Nos telejornais, e nos programas esportivos um bloco inteiro era dedicado a nossa trajetória no Pan, com reprises de nossas conquistas, e apresentações da intimidade de nossos atletas, somos uma grande nação torcendo no Pan, e sentimo-nos vingados, quando no último dia de competições tomamos a 4ª posição geral do quadro de medalhas da Argentina, nossa arqui-rival, ficamos apenas atrás das potências esportivas mundiais das Américas, e o mais importante derrotamos a Argentina, a mesma Argentina que semanas antes determinou bloqueios econômicos sobre nossos produtos, gerando inquietações políticas, desaquecimento nas exportações, e contribuindo para o desemprego no Brasil, mas isso agora foi vingado, pois nossos meninos de ouro do Pan derrotaram a Argentina, o Brasil venceu.

Para aqueles que acompanharam os Jogos Pan americanos, cremos termos sido bastante claros como se da utilização das vitórias esportivas como agente alienante de uma nação, as vitórias e conquistas pessoais de cada atleta são utilizadas para garantir a união nacional do país em torno do ideal de nação, onde chegamos ao ponto de que não interessa se eu não tenho emprego, se não tenho como me sustentar, o objetivo maior foi alcançado, derrotamos a Argentina.

Também não podemos deixar de entender as conquistas esportivas em Winnipeg como reforçadoras do esporte de alto rendimento entre nossas crianças. A cada medalha conquistada por um atleta brasileiro, mais uma criança era matriculada em uma escolinha de iniciação esportiva, com a idéia: se ele conseguiu eu também conseguirei ganhar uma medalha. E esta idéia de formação de uma base esportiva no Brasil não é nem um pouco recente. “O esporte entrou na escola com a finalidade de formar a base esportiva (no

sistema piramidal do esporte). Objetivava a busca e fomento do talento esportivo para servir ao sistema esportivo nacional que começava a se consolidar, no período da década de 50” (KUNZ, 1998, p. 114).

Podemos dizer portanto, que a própria inserção do esporte em nossas escolas já ocorreu sob o principal aspecto de produzir campeões esportivos, meninos e moças capazes de demonstrar a força de nossa nação ao mundo. “Na Educação Física Militarista, a ginástica, o desporto, os jogos recreativos etc. só tem utilidade se visam à eliminação dos incapacitados físicos, contribuindo para uma maximização da força e poderio da população”(GHIRALDELLI, 1988, p.18).

Na busca incansável por seus campeões, nas décadas de 60 e 70 os generais militares são responsáveis por um ato educacional que até hoje impregna a educação física do tecnicismo do esporte de alto nível e de rendimento,

A ideologia do desenvolvimento com segurança, produzida e divulgada na Escola Superior de Guerra - ESG -, deu o tom principal para a idéia de tecnização da Educação e da Educação Física no sentido de uma racionalização despolitizadora, capaz de aumentar o rendimento educacional do país e, na área da Educação Física, promover o desporto representativo capaz de trazer medalhas olímpicas para o país. (GHIRALDELLI, 1988, p. 30)

As tecnologias na produção dos atletas capazes de alcançar o ouro olímpico passaram por grandes transformações, e melhoramentos, os profissionais de educação física deixaram de preocupar-se com a relação educacional de sua área de estudos, para preocupar-se apenas com o físico, são desenvolvidos vários estudos nas áreas técnicas biológicas, biomecânicas, nutricionais, com o objetivo claro de transformar aqueles alunos lá da escola, que nas aulas de educação física tradicionais demonstraram melhor rendimento que os demais em um campeão olímpico, nem que para isso ele tenha que ser entendido como uma máquina.

“Os indivíduos praticantes passam por uma análise manipulativa, quase como objetos, para descobrir suas reais capacidades de rendimento e, assim poder condicioná-las, como um experimento de laboratório, até os limites de suas possibilidades de rendimento”(MÜLLER, 1996, p.216).

Não devemos porém pensar que o esporte significava apenas uma maneira de apresentação do Brasil enquanto potência ao mundo, muitos outros interesses, estatais e empresariais se beneficiariam com a criação de uma estrutura esportiva forte, popular e hierarquizada.

Para GUIRALDELLI, “o desporto de alto nível, divulgado pela mídia, tinha o objetivo claro de atuar como analgésico no movimento social”(GUIRALDELLI, 1988, p.32). então o esporte atuava como sendo o grande circo para a população, capaz de levar milhares de pessoas ao estádio para assistir a uma partida de futebol, ou capaz de unir vários trabalhadores ,em suas poucas horas de descanso, ao redor de uma bola em uma partida de pelada, ao invés de em uma mesa discutindo suas condições de proletários.

Normalmente, a utilização do esporte, e da educação física, pelas classes dominantes como alternativa de manter sua hegemonia, através da permanência de uma estrutura social classista que passa a ser entendida como natural, conduz esporte e educação física para o mesmo fim, o adestramento da população.

CASTELLANI, ao analisar a inclusão da educação física no ensino universitário, através do conteúdo esporte. “Os Diretórios Acadêmicos seriam transformados em alegres centros recreativos ou, na melhor das hipóteses, em clubes esportivos, cujos atletas envergariam, com orgulho, camisas olímpicas com a inscrição UNIVERSITY OF BRAZIL no peito”(CASTELLANI, 1991, p.121).

Com certeza, a maior tentativa de condicionamento das classe trabalhadora através do esporte, seja o programa do EPT (Esporte Para Todos), que vinculava as atividades esportivas a todos os brasileiros, de maneira livre e não formal. “O EPT, assim seria a comprovação de que o desenvolvimento econômico alcançado no início da década de 70, correspondia o desenvolvimento social da sociedade brasileira, expresso - dentre outras formas - no acesso às atividades físicas de lazer pela camada da população, até então, dela alijada”(CASTELLANI, 1991, p.116).

Através do esporte e da educação física, que tornava-se o braço esportivo da escola, o governo brasileiro procurava justificar à população suas decisões políticas, econômicas e educacionais, analisando o EPT fica claro a nós, esta utilização do esporte para homogeneização dos trabalhadores e de sua preparação para o trabalho, o programa esporte para todos previa as atividades esportivas de uma forma lúdica e livre, contudo, vários formas de atividade foram introduzidas na sociedade, com a característica da obrigatoriedade, são as atividades recreativas obrigatórias. “As grandes organizações devem proporcionar meios materiais (campo de futebol e/ou quadras e/ou piscinas) para a prática desportiva nos arredores da empresa, a qual passaria a desempenhar uma importante função social na região”(CASTELLANI, 1991, p.113).

Portanto, as associações de funcionários das grandes empresas, não estão lá apenas para proporcionar uma alternativa de lazer aos funcionários e seus familiares, mas também para contribuir na preparação deste funcionário para o trabalho, como uma forma de descansá-lo sem que este questione suas condições de exploração, e que ao voltar para o trabalho tenha a possibilidade de aumentar sua produção. As associações fazem parte de todo uma estratégia para melhora e aumento de produção, e de continuidade da hegemonia dominante.

As condutas ditas educacionais, desenvolvidas nas escolas de ensino fundamental e médio não estão desatreladas desta condição hegemônica, pelo contrário, servem de reforço a aceitação que o indivíduo deve ter ao seu papel na sociedade, sem questioná-lo ou repensá-lo, portanto a educação física e o esporte, praticados na escola também reproduzem as leis de mercado de uma sociedade capitalista.

Muitas vezes, a aula de educação física na escola, não constitui momentos de autêntica experiência de movimentos, mas sim, momentos onde o objetivo primordial é disciplinar o corpo. Esta disciplina é obtida através da realização de movimentos mecânicos isolados, dissociados da espontaneidade, presos a padrões e transmitidos pelo professor (SALLES, 1994, p.424).

A melhor maneira de disciplinar o corpo através dos movimentos, é copiar aqueles movimentos rígidos e técnicos do esporte de alto nível, que exigem alto rendimento físico, porém são desprovidos de qualquer análise crítica-cultural, o que vêm de encontro ao proposto à escola pelos dominantes.

Parece que a escola, tanto de 1º quanto de 2º graus (hoje ensino fundamental e médio), através da educação física, que tradicionalmente tratou o esporte como um de seus conteúdos, parece não ter percebido as mudanças do campo esportivo. Com isso, deixou de considerar as contradições e conflitos que estão nas entrelinhas das práticas esportivas, para valorizar apenas gestos técnicos copiados de atletas de alto nível, que seguem regras específicas de cada modalidade esportiva. (SALLES, 1994, p.429).

Chegamos portanto ao uso na escola, mais especificamente nas aulas de educação física, do esporte na sua forma mais conhecida, porém também na sua forma mais alienante, que vem a ser a cópia do esporte de alto rendimento, promovedor de espetáculo, onde uma minoria, atletas profissionais para quem o esporte assume a condição de trabalho obrigatório, realizam os feitos esportivos (nossas medalhas no Pan), enquanto a maior parte da população assume apenas o papel de torcida, sonhando, que é o que acontece com nossos alunos na escola, em um dia ser como estes grandes atletas profissionais.

Ao transferirmos o esporte de alto nível para dentro dos muros escolares, transferirmos também suas condições de realização, valorização da competição, justificativa apenas na vitória, utilização de meios lícitos ou ilícitos na busca da vitória, mesmo que isto resulte em prejuízos para um quanto para outro.

Os movimentos realizados nas modalidades esportivas mais praticadas em nosso meio, inclusive por não-atletas, como voleibol, basquete, handebol, atletismo, futebol, natação, etc. e que são as práticas hegemônicas na Educação Física Escolar, têm adquirido um nível de exigência do praticante extremamente alto. Os movimentos no esporte exigem uma participação quase sempre integral do corpo do praticante, ou seja, dos grandes grupos musculares. Isto necessita um constante aperfeiçoamento, além da condição técnica específica de cada modalidade, da condição física. A transferência desta melhoria da condição física para a promoção da saúde e outros benefícios da exercício nem sempre é facilmente conjugada (KUNZ, 1994, p. 82).

Para melhor entendimento do esporte na educação física na escola, em nosso próximo capítulo realizaremos exatamente uma análise do desenvolvimento do conteúdo esporte na educação física através da ótica do esporte de alto rendimento.

2.2 - A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Partindo de algumas reflexões introdutórias baseadas em nossas vivências durante o curso de licenciatura em educação física nas escolas públicas da cidade de Curitiba, notamos na prática da maioria dos professores a utilização do conteúdo esporte, segundo concepções de reprodução de regras, conhecimentos, rendimentos, e padrões baseados no esporte de alto nível, ou esporte espetáculo. Segundo Bracht, tal prática se deve ao fato de que: “. . . a manifestação do esporte que ainda fornece o modelo para o esporte escolar é o de alto rendimento”(BRACHT,1997, p.12), também para BRACHT, “é o esporte de alto rendimento que em linhas gerais, ainda fornece o modelo de atividade para grande parte do esporte enquanto atividade de lazer”.

Para entender tal prática ainda exercida pelos professores de educação física, quando desenvolvem o esporte em suas aulas, o professor KUNZ, (1997) classifica esta concepção de esporte praticado na escola denominada como “Técnico-esportiva”, onde os objetivos estabelecidos na ação pedagógica do professor buscam “contribuir mais com o sistema esportivo, através da introdução e adaptação de todos (alunos) à cultura esportiva, notadamente apenas alguns elementos da cultura esportiva mais em evidência na País como

o voleibol, o futebol, o basquete e o atletismo. O interesse dos profissionais é claramente orientado ao rendimento esportivo nos padrões do esporte de rendimento e de competição”.

Nesta concepção de esporte escolar, tendo por base o esporte de rendimento, o professor como afirma KUNZ, orienta sua ação segundo os padrões do esporte de rendimento, o que significa a busca de performance, o rendimento, a técnica e a tática que são os elementos norteadores do esporte alto nível. Sendo assim, “ o esporte de alto rendimento, ou de competição, com seus valores, normas ou exigências é o esporte aceito de forma evidente e inquestionável em as instâncias onde ele possa ser praticado”(KUNZ, 1994, p.25), incluindo entre estas instâncias as aulas de educação física na escola.

A ação do professor nas aulas de educação física, denota o esporte como conteúdo básico para a periodização do planejamento anual da educação física escolar, também identificada por SOARES; “o ensino do esporte na escola se dá, exclusivamente, a partir dos parâmetros fornecidos pela instituição desportiva, ou seja, a partir de suas normas e regras. Se dá, portanto, nos limites que a técnica específica de distintas modalidades esportivas exige” (SOARES, et al,1993, p. 216).

2.2.1 - O APELO TÉCNICO- FORMATIVO

Na busca da obtenção de elementos, técnicos e parâmetros de rendimentos, o professor torna-se um reproduzidor de práticas construídas rigidamente, assumindo mais o papel de treinador do que de professor. Para conseguir altos índices de performance os alunos são levados a execução contínua e repetitiva de movimentos técnicos, na maioria das vezes dissociados de uma prática refletida. Poderíamos perguntar qual o entendimento do aluno em relação aula de educação física em que ele somente passa uma bola parado em uma fila, ou então quica uma bola em torno de cones? Em outras situações da aula, turmas inteiras de alunos são colocados a correr em círculos, na busca de uma melhor performance aeróbica , justificada por um possível melhor rendimento durante as “batalhas” esportivas. “O que é esperado da criança que é introduzida no sistema esportivo de rendimento é o sucesso esportivo e o rendimento cada vez mais alto”(KUNZ, 1994, p.50). Rendimento este que será explicado somente a partir da vitória, objetivo final numa concepção de esporte rendimento.

O objetivo final de vitória, é o que podemos considerar a grande diferença entre o esporte contemporâneo, com fim em si mesmo e na competição, do esporte antigo

praticado pelos povos da antigüidade que possuíam uma fundamentação religiosa de seus jogos. A busca vitória, da superação do outro e por vezes de si mesmo, justifica vários meios utilizados durante a competição, como por exemplo o desejo dos jogadores em humilhar, machucar, ridicularizar seu adversário, com o objetivo de minar suas forças para o confronto, assegurando-lhes alguma vantagem para o objetivo final da vitória, ou ainda o uso de substâncias químicas capazes de aumentar seu rendimento, causando o chamado mau do século no esporte, o uso do doping. “É comprovado, também, que o doping que a maioria dos atletas utilizam atualmente, o anabólico esteróide, provoca uma vantagem tão grande sobre os que não usam que dificilmente um talento natural, por melhor que seja, consiga superar um atleta tratado com esta substância. . . os motivos que levam escolares ao uso do doping anabólico, são vários, mas o principal deles é o rendimento esportivo” (KUNZ, 1994, p.51 e 52).

O desejo, digamos selvagem, à vitória, cega os participantes esportivos a um outro fator muito importante no jogo a cooperação, que compreende um entendimento simples do mecanismo esportivo, sem oponentes não há competição, ou seja, minha equipe depende da cooperação de outra equipe, para que nós possamos obter uma competição esportiva segundo regras estabelecidas e respeitadas, a falta de cooperação entre os participantes com relação a estes princípios desarticula qualquer objetivo de competição e vitória. “No jogo esportivo, cooperar significa alcançar o mesmo objetivo em conjunto, para que o jogo possa ocorrer” (RANGEL BETTI, 1997, p. 40).

Partindo de uma concepção cooperativa, a vitória deixa de ser a glória maior na prática esportiva, e a união entre os grupos em torno de uma prática comum passa a ser a maior recompensa.

Apesar de a escola ser altamente cooperativa, os professores de educação física desconsideram esta característica escolar, para direcionar sua atenção a competição sem criticidade, tendo por objetivo maior os louros da vitória. Para alcançar esta vitória, fruto de uma união entre alta performance esportiva e alto rendimento, a técnica de movimentos e as táticas esportivas são severamente ensinadas aos alunos.

Os níveis técnicos dos movimentos aplicados nos esportes são dissociados de sua prática, justificando assim que são exaustivamente ensinados em separado, ou seja, entende-se que o aluno só poderá participar de jogos a partir do momento que dominar a técnica dos movimentos envolvidos na prática do esporte, segundo GARGANTA E GRAÇA (1995), citados pelo Grupo de Estudos Sobre Pedagogia do Movimento da UNICAMP,

“Há uma crença de que o gesto técnico aprendido de uma forma analítica possibilita uma aplicação eficaz nas situações de jogo. Assim ensina-se o modo de fazer (técnica) separado das razões de fazer (tática)”. Assim, “o processo de transmissão das técnicas básicas do esporte é apresentado de forma descontextualizada, privilegiando os aspectos da realização motora dos gestos em detrimento dos aspectos do seu uso em situação real”.

Afirma KUNZ, a dissociação dos movimentos técnicos esportivos, do seu uso efetivo na prática esportiva, deve-se ao fato de “como são movimentos pré-determinados e regidos por determinadas regras, também, podem ser desmembrados em partes simples e prescritas para iniciantes ou para o treino do aperfeiçoamento na imitação adequada de cada gesto e para cada finalidade na modalidade ao disciplina esportiva”.

Acreditamos, que esta exagerada busca pela obtenção de técnica, treinada como dissemos de uma maneira dissociada da concepção problematizadora, é um dos fatores principais do processo de exclusão, problema dos mais evidenciados por professores quando pretendem condenar o esporte ao ostracismo. A exclusão se dá, a partir do momento em que acreditamos que somente um aluno que domina as técnicas de movimentos envolvidas no esporte poderá usufruir dos benefícios da prática esportiva, excluindo deste modo diversos alunos, justificando-se a falta de acervo motor, ou por outras dificuldades, psicológicas, prioritariamente por destinando-o a posição de espectador.

Gostaríamos de evidenciar aqui também, que muitas vezes a exclusão se dá não apenas com relação a alunos, mas também de conteúdos, devido muitas vezes a área de conhecimento do professor, que nega os discursos proferidos no curso de graduação que defendem não ser necessário o professor saber executar os movimentos técnicos envolvidos no esporte. Na prática deparamos exatamente com o inverso deste pressuposto, ou seja, o professor tem diversas dificuldades em transportar os conhecimentos teóricos que possui sobre uma atividade esportiva, ou qualquer outra prática corporal. Sendo assim, o professor por um lado desconsidera estas práticas, aplicando em sua prática pedagógica apenas aquele esporte que conhece mais intimamente, por outro lado cria pedagogias absurdas para desenvolver as práticas por ele pouco conhecidas, como o famoso ato do “aula livre”.

Esta falta de comprometimento com a transformação prática dos conhecimentos teóricos da educação física pelo professor, juntamente com a reprodução de uma didática esportiva segundo preceitos do esporte de alto rendimento, com certeza são os grandes promovedores da exclusão dos alunos nas aulas de educação física, reforçando as hordas de alunos que ficam ao lado das quadras e espalhados pelo pátio da escola.

2.2.2 - AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Nas aulas de educação física não é difícil observar-mos que enquanto uma minoria de alunos privilegiados tecnicamente praticam os esportes propostos, a grande maioria senta-se nas arquibancadas e lateral das quadras para simplesmente assistir àqueles que jogam. “É notório que o esporte, para ser praticado nos padrões e princípios de alto rendimento, requer exigências que cada vez menos pessoas conseguem dar conta, mesmo assim ele é o modelo que todos querem seguir” (KUNZ, 1994, p.32).

Partindo desta afirmação do professor KUNZ, percebemos que não é apenas o professor o total responsável pela atual situação dos esportes dentro dos muros escolares. Devemos ter em mente que a escola é um dos maiores meios de interação social, uma organização onde interagem direção, professores, funcionários, alunos, pais, políticos, meios de comunicação, etc. E não é difícil identificar que todos os seres sociais influenciaram na formação do ente social “a escola”, e influenciando na escola, esta influência se apresentará também no que a escola ensina, ou seja em seu currículo.

No currículo escolar, encontramos a educação física, e seguindo nossa lógica, os conteúdos tratados pela educação física os quais sofrem também juízo desta sociedade onde ela está inserida. Esta lógica de influências é também evidenciada por Soares e Bracht, quando concordam que “o conteúdo de que trata a escola tem sido determinado por diferentes instituições que não a escola, tais como a instituição médica, militar e a desportiva”(BRACHT, 1989, apud. SOARES, p.214).

Para as instituições esportivas, vem a escola como um grande produtor de futuros heróis esportivos, sendo as aulas de educação física uma opção barata para um primeiro aprimoramento técnico destes futuros atletas, “o conceito de esporte que se vincula hoje à educação física é um conceito restrito, pois se refere apenas ao esporte que tem como conteúdo, o treino, a competição, o atleta e o rendimento esportivo”(KUNZ, 1994, p.57), o que justificaria uma concepção dentro da escola de um esporte segundo parâmetros de alto rendimento. Quanto antes uma criança se torna técnica o bastante para uma equipe de alto nível, mais tempo esta equipe terá um atleta em idade útil para o trabalho de esportista de alto nível.

A escola então torna-se celeiro de talentos justificada pela pirâmide de desenvolvimento esportivo, onde o incentivo é total para os melhores alunos, criando uma

rivalidade, um isolamento e uma concorrência entre aqueles que se submetem a essa seleção, e a exclusão dos piores, menos aptos, que não serviram aos interesses da escola (FARIA,1997, p.325).

Completando, diríamos que os interesses a serem supridos seriam os da instituição desportiva. Ao defender, e difundir seus interesses, estas instituições usam uma potente arma, capaz de adentrar em praticamente todos os lares de nosso país, a mídia esportiva difundida principalmente pela televisão. Televisão esta, que não estará prestando serviços às instituições desportivas, mas sim a quem pague o seu preço.

O poder desse meio de comunicação de reunir, em torno de eventos esportivos, nas mais distantes localidades, um número de espectadores cada vez mais crescente, mudou o papel que o esporte desempenha na sociedade. A televisão ampliou o impacto que o esporte exerce sobre as relações comerciais e a política, e mudou o perfil do evento esportivo. Hoje, a televisão desempenha papel de fundamental importância na escolha dos esportes a serem disputados e como serão disputados.(NUZMAN, 1995, p.15)

Os usos da televisão pela instituição esportiva se dá de diversas maneiras, a principal com certeza é a transmissão dos eventos esportivos, fenômeno pelo qual podemos justificar várias transformações até em regras de determinados esportes, como vôlei, judô, futsal, basquete, para tornarem-se mais facilmente entendidos pela grande população, ou para se ajustarem a transmissão televisiva, o que reforça a denominação de “esporte espetáculo”. “As grandes organizações esportivas mundiais (FIFA, COI, etc.) mantêm, através de mecanismos, o poder de determinar as formas esportivas legítimas, detém o poder de reconhecê-las, integrando novas tendências e movimentos divergentes (BRACHT,1997, p.105).

Durante o Seminário INDESP de Marketing Esportivo, realizado durante o período de 26 a 29 de outubro de 1995, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, senhor Carlos Arthur Nuzmam, já citado por nós anteriormente, deixa claro a força do binômio Esporte-Televisão, prevendo entre ambos um casamento solido e promissor. Segundo Nuzmam, “os esportes transmitidos pela televisão, ao vivo ou em diferido, por televisão aberta ou paga, permitem às empresas completar seus planos de comunicação integrada, sob formas diversas”(NUZMAM, 1995, p.18). O presidente do COB, para reforçar a relação entre esportes e televisão completa sua afirmação relembrando as palavras do Presidente do Comitê Olímpico Internacional, Marquês Juan Antônio Saramanch, que durante simpósio sobre televisão realizado pelo COI

em 1993, onde ressaltou que os esportes que não se adaptarem à televisão estarão fadados ao desaparecimento.

Outro uso muito utilizado da força da mídia, é a difusão da idéia “esporte é saúde”, esta porém será melhor atribuída ao uso da televisão pelas instituições médicas.

Durante muito tempo, a educação física teve um apelo médico, de promotora da saúde, até hoje ainda podemos sentir este apelo na grande carga horária dos cursos de Licenciatura em Educação Física destinada às disciplinas ditas biológicas, ou de cunho médico. Devemos isto ao fato de que no início do século XX, a educação física foi entendida como o grande agente higienizador da população, um exemplo clássico desta função da educação física é o método educacional de Peter Henrich Ling (1776 - 1839), criador do método sueco de ginástica. “O método era baseado na anatomia e tinha por finalidade preparar física e moralmente os indivíduos para que pudessem exercer plenamente as funções de soldados da pátria, bons trabalhadores, no caso dos homens, e mães saudáveis no caso das mulheres, que começam a merecer a atenção porque geram os filhos da pátria”(SOARES, 1993, p.215).

Partindo do exposto por Soares sobre o que preconizava o método ginástico sueco, idealizado por Ling, ressaltamos uma palavra chave, “pátria”. Palavra que nos leva agora ao que podemos chamar de o grande utilizador da educação física, a ordem política da sociedade, ordem esta que chegamos a acreditar ser uma das maiores responsáveis pela concepção de esporte de rendimento dentro da escola.

Isto deve-se principalmente devido a capacidade hegemônica que o esporte de alto rendimento pode trazer a uma classe politicamente dominante, um claro exemplo desta hegemonia através do esporte de rendimento nos é apresentado a cada intervalo de quatro anos, durante os campeonatos mundiais de futebol.

O esporte, e em essencial o futebol, funciona como um cimento social que possui como elemento propulsor, a coletivização massiva da cultura esportiva, utilizando-se de todos os meios tecnológicos existentes, e tendo, como garoto propaganda desta ideologia, os grandes ídolos esportivos que, pela sua relação apaixonada e pouco racional com o público, penetram facilmente no imaginário popular. (OURIQUES, 1999, P.46)

Além da manutenção de sua hegemonia, as classes dominantes, representadas pelo poder máximo de uma nação, o estado, também terão vários outros motivos para criar um vínculo relacional com o esporte. Segundo BRACHT este vínculo deve-se a alguns motivos: “construção da nação, integração da população, defesa, higiene e saúde, política

social, reconhecimento internacional” (BRACHT,1997, p.79), e este vínculo que criaram estado e esporte considerará a prática desportiva um direito do cidadão, e um dever do estado, sendo assim as aulas de educação física na escola o melhor ponto de intervenção do estado com relação aos vínculos esportivos.

O estado tem na escola, uma instituição que poderá desenvolver este vínculo com o esporte, e para este agente político social, o esporte na escola, e por consequência nas aulas de educação física passa a completar uma das atribuições estatais com a população, de forma a propiciar a essa população os benefícios biológicos e higienizadores do esporte, difundindo também a sua hegemonia através da construção de uma nação esportiva. Nas palavras de BRACHT:

O esporte é considerado um jogo institucionalizado; o esporte teria função biológica, satisfaria uma necessidade natural de movimento, necessária para a manutenção da integridade biológica do homem; o esporte seria uma espécie de culto ritualizado; o esporte seria uma forma de canalizar o comportamento agressivo para uma atividade socialmente aceitável; o esporte permitiria uma identificação com um coletivo, com uma nação, satisfaria portanto a necessidade de pertencimento a um coletivo; o esporte seria uma ocupação do tempo livre que surge com a delimitação clara entre tempo de trabalho e de não trabalho (BRACHT,1997, p. 101/102)

Gostaríamos de salientar que nesta pesquisa, pontuamos questionamentos a fim de que não argumentamos a favor da retirada do esporte da educação física no ambiente escolar, gostaríamos sim que os professores envolvidos com o ato de ensinar esportes nas aulas de educação física refletissem sobre a sua prática pedagógica, política e docente e sobre seus princípios sociológicos. Ao concordarmos com Betti, ao citar Belbenoite, que diz: “o esporte não é um educativo sob todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de Educação. O esporte é aquilo que se fizer dele” (BELBENOITE, 1974, apud. BETTI, p.38).

Cabe portanto exatamente ao professor a compreensão do esporte como conteúdo escolar, e não deixar que outras instituições o façam, “o esporte como fenômeno cultural deve e pode ser tratado pedagogicamente na escola, devendo ser entendido o sentido e significado de sua prática, na competição e no lazer”(SALLES, 1994, p.430). Deve então o professor apropriar-se do esporte e desenvolver uma vivência esportiva que venha de encontro as necessidades de seus alunos. Olhando mais proximamente a realidade dos sujeitos neste processo de aprendizagem, Palafox afirma que:

O aprendizado social (explícito ou implícito) acontece no processo de reforço às interações sociais promovidas nas diferentes dinâmicas ou estilos de ensino, incluindo aqui o jogo, enquanto instrumento de ação pedagógica para aprendizagem motora e social do esporte. . . propõe-se uma metodologia de ensino do esporte que, por meio do estabelecimento de uma série de jogos, os alunos sejam conduzidos ao jogo final, (regulamentado), estimulando a aprendizagem social em todas as etapas de ensino, procurando manter sempre o espírito lúdico na atividade esportiva (PALAFOX, 1998, p.03).

A nós, professores de educação física, deve-se o papel de proporcionar aos alunos uma prática efetiva do esporte conscientizado, compreendido socialmente e tecnicamente. O professor deve transformar o esporte como um meio de alcançar a educação do aluno, educação esta que compreende o ser totalizado. Para tal, o esporte de alto nível não serve como padrão ou exemplo a ser seguido, mas sim como um fenômeno a ser entendido e praticado a partir deste entendimento.

3. - METODOLOGIA DE PESQUISA.

Para composição de nossa revisão de literatura, realizamos pesquisa bibliográfica nas publicações recentes que tratam do binômio educação física e esporte. Esta pesquisa bibliográfica contou com obras da Biblioteca da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física, como também do Setor de Ciências Humanas, Departamento de Educação; obras da Biblioteca Pública do Paraná; com artigos publicados em periódicos especializados em educação física e esporte, alguns fazendo parte do acervo das referidas bibliotecas. Foram também utilizadas obras e artigos que compõem o acervo bibliotecário particular da professora orientadora, e do próprio autor desta pesquisa. Todas as leituras foram cadastradas na forma de fichamentos, onde além de serem reproduzidas as afirmações e idéias de cada autor, também eram relacionadas as localizações de cada citação.

Concluída a revisão de literatura, arriscamo-nos a produzir uma proposta para efetivação de aplicação do esporte como conteúdo escolar sobre uma óptica, diferente da comumente usada nas aulas de educação física na escola.

Para compor esta proposta, além das reflexões a partir da própria revisão de literatura da presente pesquisa, foram utilizados também os conhecimentos teórico - práticos absorvidos por nós durante os quatro anos do curso de graduação em Licenciatura em Educação Física, eventos de extensão universitária, e estágios não obrigatórios.

Ao desenhar uma primeira proposta de efetivação de conhecimento, foram elaborados planos de aula, fundamentados neste trabalho de pesquisa (vide anexos), que puderam ser colocados em prática, durante as intervenções realizadas por nós na escola, para a disciplina de Prática de Ensino B, disciplina curricular do quarto ano da graduação.

A aplicação de nossa proposta na escola, porém não descaracteriza esta pesquisa, de ser em primeiro plano uma análise histórica bibliográfica, sobre os caminhos percorridos por esporte e educação física. Sendo que a própria proposta é proveniente desde estudo.

Apresentaremos agora no último capítulo, nossa proposta de ensino dos esportes na escola, proposta esta que com certeza ainda não está completamente pronta, nem tampouco é estanque, mas que se constitui num novo recomeço para nossos futuros estudos sobre a educação física e os esportes.

4. - PROPOSTA PARA ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA.

Com nossa proposta, não pretendemos apresentar uma receita para a aplicação do esporte nas aulas de educação física, exatamente porque esta receita não existe, e acreditamos que nunca existirá.

Isto porque, a educação física compõe-se em uma ciência onde o objeto principal de estudo é o movimento humano, e portanto este movimento será diferente para cada ser, para cada criança, dependendo de da região onde vive, dos costumes que coleciona, ou seja, o movimento humano depende em muito da cultura em que o indivíduo em questão está inserido, e exatamente devido a nossa multiplicidade cultural enquanto país, uma estratégia pedagógica que pode adaptar-se otimamente em Curitiba, ou nos estados da Região Sul, pode não trazer benefício, ou não combinar culturalmente, com o trabalho educacional desenvolvido em outras regiões.

Talvez, a tentativa, como a recente proposta Indesp de Esporte Educacional, de implantar no Brasil inteiro uma única proposta de desenvolvimento do esporte na escola seja um dos principais fatores de ainda nas nossas aulas de educação física estarmos aplicando o esporte, tendo como base o esporte de rendimento, isto porque, como já foi esclarecido, o esporte de rendimento é regido por regras universais, não levando em conta as singularidades culturais de cada lugar.

A educação física no Brasil, enquanto não reconhecer estas diferenças, que deverão ser respeitadas durante o trabalho educacional com o esporte. “Nessa definição não ocorre a negação do espetáculo esportivo, mas compreendem que a base da discussão esteja direcionada para o esporte participação e o esporte escolar”(MEZZADRI, 1994, p.291). Ao continuar-mos entendendo o esporte apenas como sendo um amontoado de regras inflexíveis, altamente competitivo, classista e exclusivista.

4.1.- DO JOGO AO ESPORTE

Nossa proposta tem início num elemento cultural comum de todas as crianças, o jogo. O jogo talvez seja nosso primeiro contato com a competição, e com a vitória, e com certeza este contato ocorre logo nos primeiros dias de contato com a escola. É comum nos horários de recreio escolar, vemos as crianças nos seus primeiros anos escolares apostando

corridas, ou brincando de tiro ao alvo. Portanto podemos compreender que a competição é algo natural do ser humano, por isso deve ser compreendida e educada, sendo o professor de educação física peça fundamental na compreensão pelo aluno da competição.

O jogo então torna-se um conteúdo preparatório para o posterior entendimento do esporte, lazer ou espetáculo, e o professor de educação física passa a ensinar através do jogo, através do movimento. O ensinar colocado por nós, ultrapassa o passar apenas as regras do jogo, ou o explicar uma atividade. “Ensinar em Educação Física deveria significar a introdução e, ao mesmo tempo, a capacitação do aluno, da criança e do jovem em especial, na cultura de movimento do contexto sócio-cultural em que vivem”(KUNZ, 1998, p.117).

A evolução do jogo para o esporte, compreende muito mais que a simples introdução dos fundamentos esportivos, copiados do alto nível, para uma atividade primordialmente lúdica o jogo. O aluno deve, na transição entre jogo e esporte, compreender a realidade cultural envolvida, as transformações proporcionadas pelo esporte, as conseqüências do esporte de competição, ou de espetáculo na sociedade.

A competição esportiva deveria ser precedida por uma série de atividades de caráter reflexivo, procurando promover o evento dentro de um espaço pedagógico de formação para a cidadania, na tentativa de contribuir para a superação de representações sociais relacionadas à procura da performance física, valorização dos mais aptos em detrimento da maioria, vitória a qualquer custo e o reforço do individualismo. (PALAFOX, et.al., 1996. P. 279).

Novamente ressaltamos aqui a importância do ensinar pelo professor de educação física, “Precisamos entender com profundidade porque o ensinar não significa apenas transferir ou repetir conhecimentos mas criar as possibilidades de sua produção”(KUNZ, 1998, p.117). O professor deve romper com a posição de detentor do conhecimento, e único agente transmissor deste conhecimento, deve aprender a interagir com seus alunos, compreende-los e ajudá-los na formação pessoal, e de cidadão.

Para tanto o ensinar a movimentar-se não pode se resumir a simples repetição de movimentos, ou uma reprodução de técnicas do se movimentar. “Quando o ensinar não está apenas relacionado com a transmissão de conteúdos em forma de conhecimento técnicos para um agir instrumental numa perspectiva de rendimentos pré-determinados, existe a possibilidade de se incluir neste processo de ensino/aprendizagem elementos que permitam o desenvolvimento crítico e autônomo para o aluno”(KUNZ, 1998, p.117).

Desde o início de seu trabalho, nas primeiras séries do ensino fundamental, o professor deve ter claro qual o seu objetivo no ensinar, “deve o profissional ao ensinar, optar pela formação de pessoas capazes de operar nas mudanças sociais desejáveis para um mundo mais solidário e construído por cidadãos cooperativos, em vez de contribuir, como faz até hoje, para uma sociedade competitiva, onde os homens se atropelam uns aos outros em busca do êxito de suas pretensões particulares”(KUNZ, 1998, p.117-118).

Tendo o professor de educação física claro qual é o seu papel no ato de ensinar, ou educar, deverá traçar sua linha de ação, onde deverá efetivar na prática esta busca pela produção do cidadão. Se faltar ao professor de educação física a clareza quanto aos objetivos que devam ser alcançados por ele durante e ao final de sua prática pedagógica. “Provavelmente, na escola, nem o aluno nem o diretor, fará qualquer distinção entre o trabalho prático realizado por este profissional com curso universitário e o de uma pessoa qualquer que goste da ginástica e dos esportes”(KUNZ, 1994, p.83).

O jogo, portanto, vem a ser um dos grandes conteúdos da educação física para, a ser utilizado por um professor que conhece seus objetivos de ensino, e sabe aproveitar as condições proporcionadas pelo jogo para promover no aluno a compreensão de outro conteúdo de grande importância cultural e social, o esporte.

Através da atividade lúdica, podem ser desenvolvidos conhecimentos que estão além do esporte de alto rendimento, e da rigidez de suas regras. O jogo permite o rescrever do esporte. Novas dimensões podem ser dadas aos locais esportivos, aos materiais utilizados, às normas estabelecidas.

“Assim, por exemplo, o especialista do esporte, ou mesmo os que entendem o movimento no sentido restrito do esporte, não conseguem entender que uma pista de atletismo também pode ser utilizada para andar de bicicleta, ou que uma bola de voleibol pode ser chutada, ou ainda, que para a piscina pode-se levar objetos, brinquedos, etc.”(KUNZ, 1994, p.83).

O jogo, usado na educação física na escola, enquanto conteúdo pedagógico, entrelaçado a um planejamento claro e objetivo, é uma das grandes estratégias para a transformação do esporte no ensino fundamental. O aluno que joga, que compreende as regras do jogo, que questiona estas regras e que as transforma, possibilitando que toda a sua comunidade escolar possa participar, transforma a sua realidade, e poderá compreender o esporte como sendo uma grande opção para o preenchimento de seu tempo livre, possibilitando-o prazer e evolução enquanto cidadão.

Através do jogo, a aquisição dos movimentos esportivos, a aprendizagem motora propriamente dita, não precisa mais acontecer através da repetição metódica e massante das técnicas esportivas, mas através de inúmeras experimentações que o aluno realizará com o próprio corpo durante o evoluir da atividade. Estas experiências devem ser propostas pelo professor, contudo o aluno deve também usar de sua criatividade no ato do movimentar-se, desta maneira o aluno realmente aprenderá qual a vantagem, ou qual a facilidade, que os movimentos corporais terão se realizados de forma técnica. Ou seja, o aluno tomará conhecimento da técnica esportiva, e não a reproduzirá apenas.

4.2.- ESPORTE NO LAZER

Partindo da educação física escolar desenvolvida nos anos de ensino fundamental para a compreensão do esporte enquanto fenômeno social, nosso aluno ao ingressar no ensino médio estará qualificado para usufruir de uma prática esportiva de lazer, prática esta que será incorporada à sua vida adulta, atuando como atividade provedora da saúde; segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) saúde compreende o bem estar físico, emocional e financeiro do indivíduo.

A prática de um esporte de lazer, para a saúde, supera a simples cópia do esporte rendimento nas atividades corporais, e o culto aos heróis produzidos pela mídia do esporte espetáculo.

Para que realmente nosso aluno possa praticar o esporte como opção de lazer, devemos como primeira intervenção atuar nos elementos básicos do esporte de rendimento. “A rigidez na execução do gesto ou do movimento esportivo, juntamente com a padronização dos locais onde este movimento é realizado, permite o controle e a organização das atividades pelo princípio máximo que orienta este tipo de movimento: melhoria de rendimentos e habilidades para a concorrência e competição”(KUNZ, 1994, p.84).

Cabe então ao professor, a ruptura com os princípios de alto rendimento e concorrência em sua aula de esporte para lazer. Esta ruptura porém não deverá ser imposta pelo professor como uma nova regra, mas sim desenvolvida a partir dos próprios alunos.

O professor pode até desenvolver práticas altamente competitivas, durante estas práticas anotar o desenvolvimento da turma, a parcela de participantes, os conflitos gerados pela competição, para posteriormente trazer estas anotações aos alunos. Partindo das

anotações os alunos poderão compreender melhor os verdadeiros efeitos da competição em seu convívio social.

A compreensão dos alunos sobre o alto rendimento, e sobre a competição é de grande importância para um trabalho realmente transformador do esporte na escola, devido ao fato, que deve ser reconhecido por todo professor de educação física, e partindo-se deste reconhecimento a superação, “da enorme influência que têm, especialmente, os veículos de comunicação de massa, na difusão e na promoção dos valores do esporte”(KUNZ, 1994, p.120).

O ensino dos esportes, com objetivo de incorporar-se à uma cultura de lazer dos alunos - cidadãos, parte portanto da compreensão de que para se praticar esportes, necessariamente não são necessárias aquelas condições descritas em qualquer livro de regras esportivas, com relação a campo de jogo ou quadra, dimensões da bola, equipamentos dos jogadores e as regras propriamente ditas.

Aqui, gostaríamos de abrir um apêndice, para comentar uma conduta normal dos professores de educação física numa aula de esportes, assumir o papel de árbitro das disputas esportivas.

Talvez esta seja a grande imagem que muitos de nós temos de nossos professores de educação física, colocado a volta da quadra, apito ao pescoço, pronto para parar o jogo na primeira transgressão. Tomando esta posição, primeiro o professor assume-se como sendo o grande detentor dos conhecimentos necessários à prática dos esportes, e talvez o mais importante, se há necessidade de um agente externo como organizador e juiz das atitudes tomadas pelos indivíduos que jogam, isto implica em que estes indivíduos usarão de meios ilícitos para alcançar seu principal objetivo, a vitória. “O sentido numa aula assim se encontra no aumento do rendimento esportivo e na capacidade de sobrepujar no esporte”(KUNZ, 1994, p.120).

Portanto, o professor não deve assumir-se como árbitro das práticas esportivas de sua aula, e sim permitir que os próprios alunos executem sua auto arbitragem, de maneira que cada vez mais, aumente a compreensão de que a utilização de meios não estabelecidos entre os presentes que jogam, dificulta, atrapalha, e não permite que o grupo alcance seu verdadeiro objetivo, a diversão mútua daqueles que jogam.

Comentada esta, que talvez seja uma das práticas mais comuns entre os professores de educação física, gostaríamos também de chamar a atenção para o fato que em nenhum momento deixamos de citar a atuação do professor durante as aulas de esportes. Ao

professor cabe a mediação da aula, o ensinar, o educar. É o professor que dará aos alunos a possibilidade de compreensão do esporte, e ajudá-lo no entendimento e na superação.

“O ensino escolar necessita, dessa forma, se basear numa concepção crítica, pois é pelo questionamento crítico que se chega a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade e que formam as falsas convicções, os falsos interesses e desejos”(KUNZ, 1994, p.122)

Com isso, condenamos também a prática desenvolvidas por professores, principalmente no ensino médio, que ao desenvolverem o conteúdo dos esportes, simplesmente largam as bolas aos alunos, e assumem a triste, ineficaz, e acrítica posição de espectador esportivo.

Deve haver momentos na vida da pessoa, especialmente dos jovens, em que o aprender, deve prevalecer ao prazer, embora nem sempre se necessite separar o aprender do prazer. Portanto, também na educação física não pode prevalecer um *laissez - faire*, uma atividade livre e espontânea, de que o professor apenas controle os excessos. O processo de libertação deve, a princípio, ser coercitivo, pois existe uma coerção que é auto-imposta e que nos jovens se origina das influências na formação da subjetividade pela indústria cultural e meios de comunicação de massa em especial”(KUNZ, 1994, p. 121-122).

Para muitos professores de educação física falta a consciência que ele está atuando na formação subjetiva de seus alunos, e que uma atuação vinculada a prática hegemônica dos esportes de alto nível de rendimento e competição, não é educar, ensinar, produzir cidadania, mas apenas reproduzir e compactuar com o processo social hegemônico instaurado.

Segundo KUNZ, uma prática pedagógica que tem por base os esportes, sem que estes esportes passem por uma transformação didático pedagógica, para uma concepção crítico - emancipatória, consiste na concordância dos seguintes fatores:

- 1) O esporte como é conhecido na sua prática hegemônica, nas práticas esportivas e nos meios de comunicação (televisão), não apresenta elementos de formação geral - nem mesmo para a saúde pública, mais preconizado para esta prática - para se constituir uma realidade educacional;
- 2) O esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso para a maioria;
- 3) Esse fomento de vivências de insucesso ou fracasso, para crianças e jovens num contexto escolar é, no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor.(KUNZ, 1994, p.125)

É KUNZ, quem também orienta para a transformação do esporte, rompendo com as características acima descritas, para que este poderoso fenômeno social, presente hoje em

todos os lares, desde os mais ricos e poderosos, até o desempregado e sua família que passa fome, que é o esporte, e com certeza não deve ficar de fora de qualquer planejamento de educação física na escola.

Essa forma de ensinar pela transcendência de limites deve atuar concretamente sobre o aluno, de maneira que: os alunos descubram, pela própria experiência manipulativa, as formas e os meios para uma participação bem-sucedida em atividades de movimentos e jogos; os alunos sejam capazes de manifestar pela linguagem ou pela representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam, numa forma de exposição que todos possam entender; por último, que os alunos aprendam a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural dessa aprendizagem, seu valor prático e descobrir, o que ainda não sabem ou aprenderam. (KUNZ, 1994, P. 127)

5. - CONCLUSÃO

Como conclusão, gostaríamos de ressaltar que este trabalho, em momento nenhum se propôs a apresentar uma receita de bolo pronta, ou seja, uma estratégia que pudesse ser aplicada em qualquer condição, realidade escolar, para o desenvolvimento do esporte.

Pelo contrário, nosso primeiro pensamento era o de apresentar um quadro sobre a atual condição pedagógica na qual está sendo desenvolvida o conteúdo esporte na educação física escolar, para em um segundo momento traçar, a partir da análise do quadro referencial, e de pesquisas na área, uma nova proposta para o desenvolvimento do esporte na escola.

Para que essa transformação do esporte na escola possa realmente ocorrer, ou seja, deixar de ser apenas uma proposta, para assumir a efetivação prática, o primeiro passo vem a ser a conscientização do professor, reconhecendo os aspectos alienantes e hegemônicos do esporte de rendimento, para poder realmente transformar sua ação pedagógica.

Então, qual seja a proposta para aplicação do conteúdo esporte, escrita por nós, Bracht, Kunz, Mezzadri, Soares ou qualquer outro pesquisador, de nada adiantará se o professor não reconhecer os equívocos ocorridos dentro da sua própria aula, e de sua própria concepção pedagógica. Tendo como premissa sua auto - crítica, é que o professor poderá realmente executar a verdadeira transformação didático - pedagógica do esporte, necessária à sua aplicação no contexto escolar.

Concluimos, certos de que muito ainda falta ser feito, e certos de que a educação pelo movimento humano, é com certeza, um dos melhores processos para a conquista de nossa saúde, compreendida aqui segundo as determinações da Organização Mundial da Saúde: Saúde compreende o bem-estar físico (biológico), psicológico (emocional) e financeiro (social) do indivíduo humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Globalização: O esporte e a cultura de consumo. Revista Motrivivência, Universidade Federal de Santa Catarina, v.10, p. 85 - 95, 1997.
- BRACHT, Valter. Sociologia crítica dos esportes: uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Esportes, 1997.
- CASTELLANI Filho, Lino. Educação física no Brasil: história que não se conta. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1991.
- FARIA, Eliene Lopes. O esporte na aula de educação física: um fator de inclusão ou exclusão do aluno? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (10. : 1997 : Goiânia). Anais. Goiânia: CBCE, 1997, p. 324 - 332
- GHIRALDELLI Júnior, Paulo. Educação física progressista. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1988.
- GRUPO DE ESTUDOS SOBRE PEDAGOGIA DO MOVIMENTO. O ensino dos esportes coletivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (10. : 1997: Goiânia). Anais. Goiânia: CBCE, 1997, p. 669 - 672.
- KUNZ, Elenor. O esporte educacional: possibilidades. (mimeo) 1997.
- KUNZ, Elenor. Transformação didático pedagógica do esporte. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
- KUNZ, Elenor. Educação Física Escolar: seu desenvolvimento problemas e propostas. In: Seminário brasileiro em pedagogia do esporte. Florianópolis: UFSM, p. 114 - 119, 1998.
- MEZZADRI, Fernando M.. As influências da política pública no esporte. In. II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Coletânea. Ponta Grossa, Grupo de história do esporte, lazer e educação física. 1994, p. 286 - 294.
- MÜLLER, Uwe. Esporte e Globalização. Revista Motrivivência, Universidade Federal de Santa Catarina, v.10, p. 17 - 25, 1997.
- MÜLLER, Uwe. Esporte e Mídia: um pequeno esboço. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. CBCE, v.17, nº3, p. 211 - 219, 1996.
- NUZMAN, Carlos Arthur. A importância do marketing esportivo no esporte. In: SEMINÁRIO INDESP DE MARKETING ESPORTIVO (1 : 1995: Ouro Preto) Anais. Brasília: INDESP, 1995, p. 13 - 28
- OURIQUES, Nilso. O gol contra do rei: a lei Pelé e suas conseqüências. Revista Motrivivência, Universidade Federal de Santa Catarina, n.º 12, p.37-64, 1999.

- PALAFOX, Gabriel H. M. (etal.). Educação física escola; jogo e esporte: aprendizagem social e agir comunicativo. NEPECC/UFU, (mimeo) 1998.
- PALAFOX, Gabriel H. M. (etal). A Competição Esportiva da Escola como Campo de Vivência do Exercício da Cidadania Participativa: Projeto Político Pedagógico em Construção. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. CBCE, v. 17, nº3, p. 279 - 287, 1996.
- PIRES, Giovani de Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física. Revista Motrivência, Universidade Federal de Santa Catarina, v.10, p.26 - 43, 1997.
- PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. Revista da Educação Física / UEM. Universidade Estadual de Maringá, v. 9, p. 25-34, 1998.
- RANGEL BETTI, Irene C. Reflexões a respeito da utilização do esporte como meio educativo da educação física escolar. Revista Kinéssis, Santa Maria, v.15, p. 37-43, 1997.
- SALLES Filho, Nei Alberto. Esporte na Aulas de Educação Física: produção cultural ou reprodução da sociedade capitalista. In: II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Coletânea. Ponta Grossa, Grupo de história do esporte, lazer e educação física. 1994, p. 422 - 431.
- SOARES, Carmem Lúcia. TAFARREL, Celi Nelza Zulke. ESCOBAR, Micheli Ortega . A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (organizador). Educação Física & Esportes. Campinas: Papyrus, 1993. p. 125-139.

ANEXOS.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de futsal.

Material: 1bola de futsal.

Objetivo geral: Proporcionar ao aluno melhor compreensão do esporte, enquanto fenômeno social, e como opção de lazer. Através da Metodologia da Participação Crítico-emancipatória, aplicada ao conteúdo Futsal..

Objetivo específico:

Entendimento das mudanças ocorridas no esporte, os objetivos, e as consequência, com relação a espetacularização esportiva.

Atividades:

Relembrar as diferentes regras do futsal, comparando-as com as regras atuais.
Questionar quanto aos objetivos de tantas mudanças.
Jogo 1 - Com as regras antigas.
Jogo 2 - Com as novas regras.
Questionar se os objetivos levantados antes das práticas foram identificados no jogo.

Avaliação:

Se dará na observação dos alunos com relação ao entendimento da manipulação do esporte e da superação da competição sobre o companheirismo.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução.UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte.2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.
SANTANA, Wilton Carlos de. Futsal: Metodologia da Participação. Lido, Londrina: 1996.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de futsal.

Material: 2 bolas de futsal.

Objetivo geral: Proporcionar ao aluno melhor compreensão do esporte, enquanto fenômeno social, e como opção de lazer. Através da Metodologia da Participação Crítico-emancipatória, aplicada ao conteúdo Futsal..

Objetivo específico:

Aplicação dos conceitos de companheirismo no esporte, particularmente no futsal, e melhor compreensão da inevitável competição.

Atividades:

No futsal existe companheirismo?
Debate com a participação dos alunos.
Jogo 1 - pequenos confrontos
1x1, 1x2, 1x3, 2x3, 2x4.
Jogo 2 - grande jogo, 2 toques.
Questões depois da prática:
Durante o jogo, somos companheiros?
Podemos jogar, sem companheiros?

Avaliação:

Durante os jogos, observar a reação dos alunos em relação a seus companheiros de jogo, comparando tais reações com sua respostas às perguntas finais.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.
SANTANA, Wilton Carlos de. Futsal: Metodologia da Participação. Lido, Londrina: 1996.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de futsal.

Material: 2 bolas de futsal.

6 cones, ou outro material, para montagem de gols.

Objetivo geral: Proporcionar ao aluno melhor compreensão do esporte, enquanto fenômeno social, e como opção de lazer. Através da Metodologia da Participação Crítico-emancipatória, aplicada ao conteúdo Futsal..

Objetivo específico:

Entendimento do esporte, enquanto competição e enquanto lazer.

Atividades:

Mini-torneio, de duplas ou trios, em fórmula de eliminatória dupla.

Avaliação:

A avaliação desta aula, será realizada juntamente com a avaliação da aula subsequente.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.

SANTANA, Wilton Carlos de. Futsal: Metodologia da Participação. Lido, Londrina: 1996.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de futsal.

Material: 2 bolas de futsal.

Objetivo geral: Proporcionar ao aluno melhor compreensão do esporte, enquanto fenômeno social, e como opção de lazer. Através da Metodologia da Participação Crítico-emancipatória, aplicada ao conteúdo Futsal..

Objetivo específico:

Entendimento do esporte, enquanto competição e enquanto lazer.

Atividades:

Mini-torneio, em duplas ou trios, na fórmula de rodízio simples.

Avaliação:

Solicitar aos alunos, para a próxima aula, pequena redação onde ele descreva, quais foram suas impressões quanto aos dois torneios realizados. E em qual deles divertiram-se

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.
SANTANA, Wilton Carlos de. Futsal: Metodologia da Participação. Lido, Londrina: 1996.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Sala de aula.

Material: Recortes de notícias esportivas dos jornais, e revistas.

Objetivo geral: Proporcionar ao aluno melhor compreensão do esporte, enquanto fenômeno social, e como opção de lazer. Através da Metodologia da Participação Crítico-emancipatória, aplicada ao conteúdo Futsal..

Objetivo específico:

Partindo do material descrito acima, relacionar qual as conseqüências, positivas e negativas, que a mídia pode trazer em relação ao nosso entendimento do esporte

Atividades:

Dividir os alunos em duplas ou trios.
Distribuir os recortes, dar tempo para leitura e reflexão no grupo.
Cada grupo apresenta sua notícia e sua reflexão.
Debate geral sobre as notícias.

Avaliação:

Observar o entendimento dos alunos com relação ao poder da mídia sobre o esporte e quais as posições que devemos tomar perante ao fato.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução.UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.
SANTANA, Wilton Carlos de. Futsal: Metodologia da Participação. Lido, Londrina: 1996.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio.

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de voleibol..

Material: 02 petecas.

Objetivo geral: Proporcionar aos alunos do ensino médio, uma leitura crítica do fenômeno esporte, entendendo a relação existente entre o esporte de alto nível, e o tempo de lazer do cidadão comum, através do princípio pedagógico. crítico-emancipatório aplicado ao conteúdo do voleibol.

Objetivo específico:

Entendimento do vôlei como expressão de uma cultura européia, e do jogo de petecas como legítima cultura indígena brasileira, e as conseqüências da aquisição do vôlei como identificador de brasilidade.

Atividades:

Apresentação de pequeno histórico do vôlei, comparando-o com o jogo de petecas.
Jogo de petecas em dois círculos.
Jogo de petecas em único círculo.
Jogo de petecas na quadra de voleibol.
Relato dos alunos de diferenças entre as atividades, jogo de petecas e vôlei, nível de dificuldades, utilização para o lazer.

Avaliação:

Perceber nos alunos a compreensão das diferenças culturais, expressas no vôlei e no jogo de petecas, entendendo esta nova prática como uma nova opção de ocupação para nosso tempo de lazer.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução.UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte.2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.
INDESP. Peteca: esporte ou recreação. Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte, Brasília, 1996.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de vôleibol.

Material: 01 bola de vôlei

Objetivo geral: Proporcionar aos alunos do ensino médio, uma leitura crítica do fenômeno esporte, entendendo a relação existente entre o esporte de alto nível, e o tempo de lazer do cidadão comum, através do princípio pedagógico. crítico-emancipatório aplicado ao conteúdo do vôleibol.

Objetivo específico:

Entendimento das adaptações ocorridas no esporte, para a prática dos mesmos por grupos especiais.

Atividades:

Pequeno debate, sobre o tema: "O esporte deve adaptar-se para que possa ser praticado por grupos de pessoas especiais?"
Jogo de punho-bol.
Vôlei sentados.

Avaliação:

Perceber no aluno o entendimento sobre as adaptações dos esportes, para grupos especiais, e a importância que tais adaptações representam à cidadania destes grupos.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução.UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte.2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Desporto adaptado no Brasil. Ministério da Educação e do Desporto, INDESP, Brasília, 1998.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de vôlei.

Material: 01 bola de vôlei.

Objetivo geral: Proporcionar aos alunos do ensino médio, uma leitura crítica do fenômeno esporte, entendendo a relação existente entre o esporte de alto nível, e o tempo de lazer do cidadão comum, através do princípio pedagógico. crítico-emancipatório aplicado ao conteúdo do voleibol.

Objetivo específico:

Entendimento de que o vôlei numa concepção de lazer, não deve excluir mas sim incluir.

Atividades:

Conversa com os alunos, sobre as diferentes exclusões ocorridas no vôlei de alto nível e suas conseqüências no vôlei praticado na escola.
Jogo de vôlei, institucionalizado.
Jogo de vôlei, sob novas regras, determinadas pelos próprios alunos.

Avaliação:

Perceber no aluno, a compreensão de que a prática do vôlei, enquanto lazer, não precisa seguir todas as regras universais do esporte.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução.UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte.2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Quadra de vôlei.

Material: 06 bolas de vôlei.

Objetivo geral: Proporcionar aos alunos do ensino médio, uma leitura crítica do fenômeno esporte, entendendo a relação existente entre o esporte de alto nível, e o tempo de lazer do cidadão comum, através do princípio pedagógico. crítico-emancipatório aplicado ao conteúdo do voleibol.

Objetivo específico:

Levar os alunos, a uma prática de vôlei recreacionista e prazerosa, organizada, e não excludente.

Atividades:

Com a quadra dividida, realizar vários jogos de duplas ou trios, de maneira que todos participem.
Jogo de vôlei, sem número específico de jogadores.

Avaliação:

Perceber no aluno, a compreensão de que a prática do vôlei, deve e pode alcançar a todos, de maneira a beneficiar toda a comunidade.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução.UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte.2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.

PLANO DE AULA

Escola: Colégio Estadual Professor Loureiro Fernandes

Professor acadêmico: Peterson Lessnau Viana

Professor titular/escola: Wladinize

Turma:

ensino médio

Dia da semana: Quinta - feira

Horário: 16:45 a 17:30

Espaço utilizado: Sala de aula.

Material: Quadro negro e giz

Objetivo geral: Proporcionar aos alunos do ensino médio, uma leitura crítica do fenômeno esporte, entendendo a relação existente entre o esporte de alto nível, e o tempo de lazer do cidadão comum, através do princípio pedagógico. crítico-emancipatório aplicado ao conteúdo do voleibol.

Objetivo específico:

Compreensão pelos alunos das diferenças de objetivos na prática do esporte como opção de lazer, e do esporte de alto nível.

Atividades:

Organizar em sala de aula, debate entre os alunos sobre o tema: "O esporte praticado por nós, na rua, escola, e praças, deve seguir as determinações do esporte de alto nível, ao qual muitas vezes temos contato apenas pela televisão?"

Avaliação:

Solicitar aos alunos, que para a próxima aula, devam trazer uma pequena redação, contendo sua opinião quanto ao tema proposto.

Referências bibliográficas:

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória: 1997.
KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 2ª ed, Unijuí, Ijuí: 1994.